

A BATALHA DO VALE PARA ALÉM DA PRAÇA! AÇÕES COLETIVAS EDUCATIVAS EM PRESIDENTE PRUDENTE.¹

Bruno Fantin Salvi

Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, SP, Brasil

E-mail: bruno.salvi@unesp.br

Resumo

O trabalho que segue expõe os resultados de pesquisa de mestrado, na qual os objetivos foram identificar e analisar os processos educativos acionados na vida dos jovens a partir de seu envolvimento com o Hip Hop, através da experiência na cidade promovida por esta participação, bem como relacionar os saberes que se dão meio a espaços não formais de educação com os que acontecem nas instituições escolares. Realizamos a pesquisa junto a jovens envolvidos com Coletivo Batalha do Vale, que atua desde 2015 em Presidente Prudente realizando ações culturais voltadas a cultura de rua em espaços públicos da cidade. A participação das juventudes em coletivos juvenis incentiva e direciona suas trajetórias de vida para uma formação intelectual, política e social que ocorre fora da escola e se desenvolve a partir da articulação e implementações de espacialidades pela cidade.

Palavras-chave: Educação; Geografia das Juventudes; Territórios; Investigação Militante; Hip Hop.

THE “BATALHA DO VALE” BEYOND THE SQUARE!: EDUCATIONAL COLLECTIVE ACTIONS IN PRESIDENTE PRUDENTE.

Abstract

The article that follows exposes the results of the master's research, in which the objectives were to identify and analyze the educational processes triggered in the lives of young people based on their involvement with Hip Hop, through the experience in the city promoted by this participation, as well as relate the knowledge that occurs through non-formal education placements with that that occurs in school institutions. We carried out research among young people involved with Coletivo Batalha do Vale, which has been operating in Presidente Prudente since 2015, carrying out cultural actions focused on street culture in public spaces in the city. The participation of young people in youth collectives encourages and directs their life trajectories towards an intellectual, political and social formation that occurs outside of school and develops from the articulation and implementation of spatialities throughout the city.

Key words: Education; Children's Geography; Territories; Militant Research; Hip Hop.

¡LA “BATALHA DO VALE” MÁS ALLÁ DE LA PLAZA!: ACCIONES COLECTIVAS EDUCATIVAS EN PRESIDENTE PRUDENTE.

¹ O artigo é uma revisão do trabalho publicado entre os Anais da XXIII Semana de Geografia da Faculdade de Ciências e Tecnologia de Presidente Prudente-SP (2024)

Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n. 46, v. 4 - Vol. Esp. da XXIII Semana de Geografia da Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, campus de Pres. Prudente, p. 130-146, agosto/2024.

Resumen

El trabajo que sigue expone los resultados de la investigación del docente, en la cual los objetivos son identificar y analizar los procesos educativos relacionados con la vida de los jóvenes a partir de su involucramiento con el Hip Hop, a través de la experiencia en la ciudad promovida por esta participación. así como cómo relacionar los conocimientos que más se dan a espacios no formados por la educación, como lo que sucede en las instituciones escolares. Realizamos la investigación junto con jóvenes involucrados con el Coletivo Batalha do Vale, que funciona desde 2015 en Presidente Prudente, realizando acciones culturales orientadas a la cultura de calle en espacios públicos de la ciudad. La participación de los jóvenes en las escuelas juveniles incentiva y orienta sus caminos de vida hacia una formación intelectual, política y social que ocurre fuera de la escuela y se desarrolla a partir de la articulación e implementación de especialidades en la ciudad.

Palabras-clave: Educación; Geografía de la Juventud; Territorios; Investigación Militant; Hip Hop.

Introdução

O artigo a seguir mostra alguns dos resultados do processo de pesquisa realizada a nível de mestrado, sendo um estudo sobre as juventudes e as culturas juvenis que se espacializam pelo espaço urbano, especialmente o Hip Hop. Consideramos então a cidade e seus lugares como espaços onde processos educativos são acionados à medida que os jovens vivenciam e constroem territorialidades acerca das culturas juvenis que se identificam.

Para a investigação contamos com a colaboração de jovens envolvidos com o movimento Hip Hop, especificamente com o Coletivo Batalha do Vale (BDV), que atua em Presidente Prudente desde 2015, promovendo semanalmente em praça pública eventos culturais ligados a cultura Hip Hop, sendo que as principais questões desta pesquisa surgiram a partir do trabalho de iniciação científica do pesquisador (AUTOR, 2019) já realizado junto a este mesmo coletivo.

O Hip Hop na qual nos referimos é uma cultura e um movimento que se consolidou nos guetos novaiorquinos, nas décadas de 1970 e 1980, sendo formado por jovens negros, latinos e empobrecidos que utilizaram da arte de rua como alternativa de superação frente a realidade de exclusão, vulnerabilidade e a forte presença de gangues. Os principais elementos artísticos do Hip Hop são: o break (dança), o rap (música), o Dj (a técnica dos toca discos e discotecagem, o grafite (pinturas) e o principal elemento na qual todos os outros orbitam ao redor: o conhecimento (PIMENTEL, 1997; MIRANDA, 2006). A cultura chega ao Brasil através das rádios e dos discos importados ainda nos anos 70, se popularizando nos anos 80 nas periferias urbanas de diversas cidades, sendo São Paulo, especialmente a Av. 24 de Maio, considerado o marco zero do Hip Hop no Brasil. Esta cultura acabou dando continuidade as pautas das juventudes periféricas e do movimento negro que já vinham se organizando artisticamente através do samba e dos bailes black.

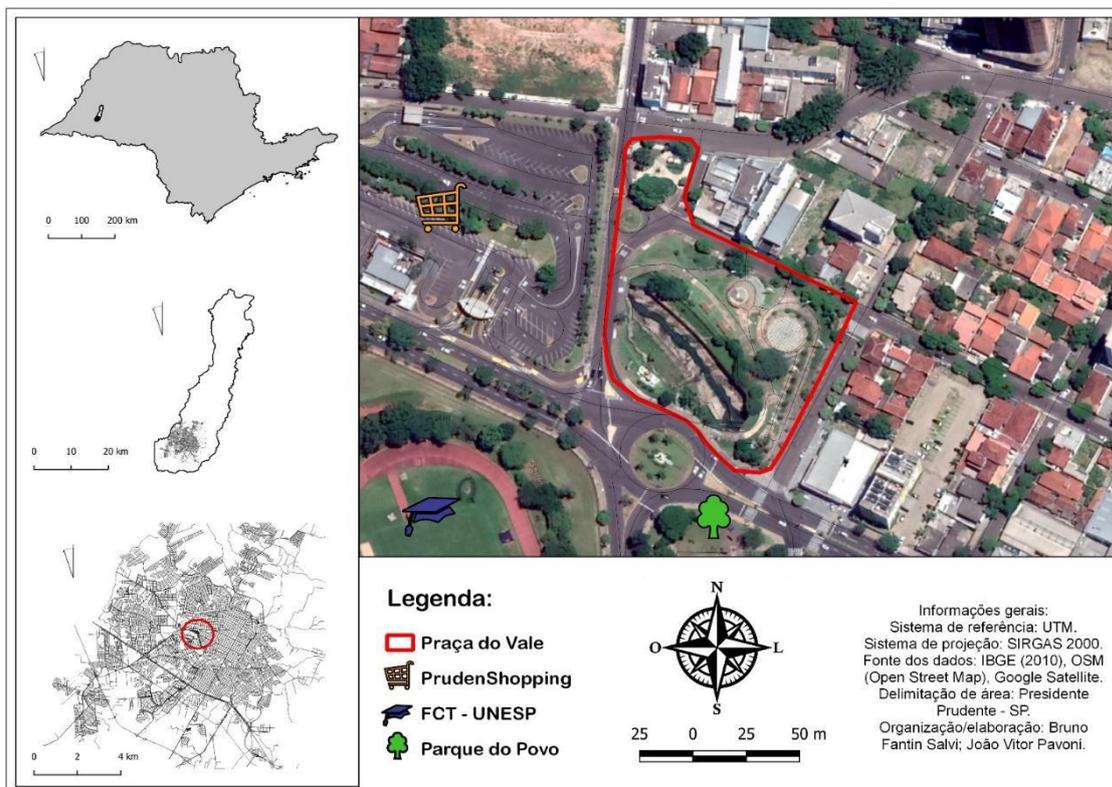
Já a Batalha do Vale, por sua vez, é um coletivo cultural independente que atua em Presidente Prudente e nas cidades menores da região desde 2015, através de ações culturais ligadas as vertentes artísticas e políticas do Hip Hop. Ao longo de seus anos de atividade, a BDV se apropriou da Praça “Oscar Figueiredo Filho”, mais conhecida como Praça do Vale pelas juventudes periféricas da cidade e por isso o nome do coletivo, sendo que a batalha de Mcs é o mais divulgado e conhecido evento realizado pelo coletivo. Além destas ações culturais realizadas em espaço público, a Batalha do Vale realiza atividades em escolas públicas da região de Presidente Prudente, com o objetivo de atingir as gerações mais novas com os princípios educacionais da cultura Hip Hop.

Figura 01. Batalha do Vale acontecendo na Praça do Vale.



Fonte: Facebook da Batalha do Vale

Figura 02. Mapa de localização da Batalha do Vale.



Fonte: Extraído de Salvi (2019)

Figura 03. Batalha do Vale acontecendo em escola estadual de Presidente Prudente em 2019.



Fonte: Facebook da Batalha do Vale.

Com a realização da pesquisa foi possível avançar na compreensão a respeito da espacialidade das juventudes, entendendo qual é a cidade e o espaço urbano que os jovens produzem com as suas práticas espaciais e qual o posicionamento destes jovens frente as desigualdades da cidade. Além disso, os resultados de pesquisa contribuíram diretamente para a legitimidade das ações de coletivos juvenis, especialmente a Batalha do Vale, através do debate científico que aborde estas ações a partir do protagonismo juvenil e da participação dos jovens na construção da sociedade.

O objetivo principal da pesquisa foi identificar e analisar os processos educativos que são acionados em meio à vivência dos jovens moradores de periferias empobrecidas da cidade de Presidente Prudente e que estão envolvidos com a cultura Hip Hop e/ou com as ações do Coletivo Batalha do Vale. Neste contexto buscamos relacionar os saberes que circulam nas ruas junto as manifestações culturais das juventudes com os conhecimentos que são apreendidos no ambiente escolar. Outro de nossos objetivos, na qual consideramos o mais relevante, foi orientar toda a construção da pesquisa: a lapidação da problemática, a teorização, a produção dos dados e as análises junto aos membros da Batalha do Vale. Fizemos isso através da pesquisa militante e em colaboração (RAPPAPORT, 2007; BARTHOLL, 2018), na qual os membros do Coletivo, que também são nossos colaboradores e entrevistados, participaram de todo o processo de investigação.

Pensamos então que a cidade e seus lugares são espaços educativos, onde quem os vivencia aprende algo a respeito dela mesma, ao menos o suficiente para a experiência cotidiana (BERNET, 1997; CARRANO, 2003; DAYRELL, 2001; CAVALCANTI, 2015). Segundo Jaume Bernet (1997) a cidade abriga espaços formais de educação, que são as instituições de ensino (escolas e universidades), os espaços informais que configuram bibliotecas, museus, cursos profissionalizantes promovidos por organizações diversas, e também os espaços não formais de educação, que são os espaços vividos no cotidiano, o bairro, as ruas, as praças...

Sendo assim acreditamos que as juventudes, que moram nas periferias empobrecidas e distantes da cidade, estão acionando e circulando conhecimentos ao vivenciarem os espaços urbanos em suas práticas cotidianas, bem como em suas atividades políticas, culturais e de lazer. Para Lana Cavalcanti (2015) os jovens ao se lançarem nos espaços da cidade ressignificam esses espaços através de sua presença, como é o caso da Batalha do Vale, que

realiza atividades culturais ligadas ao Hip Hop em praças públicas localizadas nas áreas centrais da cidade, mas que trazem elementos da cultura periférica.

Para Paulo Carrano (2003) as experiências vividas nos espaços das cidades, em situações informais, complementam a aprendizagem que se espera das instituições formais de educação:

A realidade acentua o movimento de redes sociais que geram contextos e acontecimentos educativos, em simultaneidade com as ações de instâncias educativas tradicionais como as relacionadas com família e instituições escolares. [...] Em conjunto com mecanismos e ritos formalizados e concebidos para gerar aprendizagens, vivemos quotidianamente situações que não foram intencionadas para serem educativas, mas que, efetivamente, geram efeitos educativos. (CARRANO, 2003, p.16)

O autor destaca que os conhecimentos acessados pelos jovens dentro do espaço escolar, através dos conteúdos das disciplinas e atividades pedagógicas, não são a única face da formação das juventudes. Notamos em nossas pesquisas que estes jovens também estão adquirindo saberes que fazem parte da formação social, política e intelectual ao se envolverem em culturas juvenis (AUTOR, 2019). São através dos espaços de educação não formais (ruas, praças, espaços onde ocorrem as práticas cotidianas) que os jovens estão adquirindo conhecimentos a respeito a própria realidade da cidade e que pode contribuir para um melhor entendimento das contradições da vida urbana, colocando os jovens como um sujeito social ativo na sociedade (CAVALCANTI, 2015).

Além da abordagem da experiência educativa da cidade, outra preocupação deste trabalho foi a de teorizar e trabalhar com as juventudes como protagonistas de suas ações e conscientes de suas trajetórias. O pesquisador espanhol Carles Feixa (1999) nos mostra que muitas das pesquisas publicadas a respeito das culturais juvenis no século XX relacionam diretamente as práticas dos jovens com temáticas ligadas a delinquência (violência, gangues e criminalidade por exemplo), configurando uma tendência acadêmica de abordar em pesquisas científicas as juventudes como uma fase turbulenta e passageira da vida.

A professora Helena Ábramo (1997) nos mostra que no Brasil os estudos relacionados a juventude foram em grande parte: “abordagens que orbitavam a respeito das instituições que estão presentes na vida dos jovens, como a família, a religião, a escola e também os órgãos jurídicos, que tratam dos jovens frente aos problemas de desigualdade e estruturas sociais” (p. 25). A autora ainda nos alerta de que estas temáticas tendem a não

considerar o protagonismo das juventudes frente a superação dos problemas sociais, como traçar projetos de vida ousados e coletivos.

Diante deste contexto buscamos abordar os jovens e as juventudes através da cultura juvenil Hip Hop, que historicamente desde sua consolidação configura um movimento pensado por jovens com grande preocupação e potencial em levantar demandas e buscar melhorias sociais para a juventude através da arte e da informação (MIRANDA, 2006). Com isso acreditamos que as práticas espaciais dos jovens podem ser analisadas a partir da relação da juventude com a cidade em que vivem, onde suas trajetórias de vida são parte da sociedade como um todo (DAYRELL, 2001), produzindo sua cultura, estilos e objetivos.

Com isso analisamos os jovens e suas práticas espaciais na tentativa de situar as juventudes na composição da cidade e do espaço urbano. Para Turra Neto (2008) é necessária a atenção em como acontecem as espacialidades dos jovens, para que possamos compreender quais as práticas que os jovens exercem que compõem e produzem os espaços da cidade através da materialização de uma cultura juvenil.

Para fundamentar nossa análise, participamos ativamente do Coletivo Batalha do Vale, construindo um constante diálogo a respeito do desenvolvimento da pesquisa com os membros do coletivo ao mesmo tempo que eram realizadas as ações da Batalha do Vale. Através da Observação Participante, as atividades do coletivo estudado configuram os trabalhos de campo, e os acontecidos relevantes e destacados pelo pesquisador registrados em diário de campo. Também entrevistamos pessoas que estão envolvidas com este coletivo em diferentes níveis, bem como algumas pessoas que participaram da formação da cultura Hip Hop em Presidente Prudente.

Ao final do processo de pesquisa notamos que as contribuições educativas acionadas na vida dos jovens através de sua participação nas atividades de um coletivo juvenil como o da Batalha do Vale se dão através de outras linguagens, diferentes das que são cultivadas nas instituições escolares, atingindo temáticas e assuntos que são aprofundados pelas próprias experiências de vida dos jovens. Por isso tais situações de aprendizagem são importantes para a formação da juventude enquanto membros da sociedade, e que o encontro e a sociabilidade nos espaços da cidade promovem reflexões formativas no âmbito político, social e também intelectual ao mesmo tempo em que se configuram territorialidades pelos espaços urbanos.

Desenvolvimento

A proposta de trabalho que adotamos aborda as juventudes como protagonistas de suas ações, o que inclui participar da pesquisa que está sendo desenvolvida. Por isso nossa primeira atividade foi o diálogo com o Coletivo Batalha do Vale a respeito dos objetivos de pesquisa e também da maneira como seria construída. Ao mesmo tempo, foram realizadas leituras a respeito de temas que abordem a proposta de pesquisa, especialmente a respeito das metodologias.

Esta primeira etapa foi importante para que se estimássemos os limites e a viabilidade desta investigação, tanto para o pesquisador quanto para o Coletivo estudado e seus membros. Isso fez com que acontecesse mutações nos limites da pesquisa diversas vezes, sendo que, lentamente, através do diálogo, o estudo foi se tornando também uma das pautas do coletivo Batalha do Vale.

A negociação coletiva parte da proposta metodológica de Pesquisa em Colaboração e Militante (RAPPAPORT, 2007; BARTHOLL, 2018) que adoramos como guia metodológico. Esta proposta consiste na participação direta do pesquisador no grupo estudado, onde este assume funções como um membro ativo do coletivo, que influencia e é influenciado. Desta forma, o Coletivo Batalha do Vale através de conversas a respeito da operação da pesquisa aderiu em suas pautas a realização da pesquisa, na qual contamos com a participação de membros do coletivo em atividades da pesquisa, e também, a participação do pesquisador em atividades do coletivo. Esta negociação teve de ser respeitada e, eticamente, cumprida de acordo com o combinado por ambas as partes. Através deste diálogo, em pleno desenvolvimento da pesquisa foi possível passar de uma pesquisa sobre o Coletivo Batalha do Vale, para uma pesquisa com e para a Batalha do Vale (RAPPAPORT, 2007).

Nossa importante ferramenta metodológica que acompanha todo o processo de pesquisa foi a Observação Participante, que Para Turra Neto (2001) pode ser compreendida como “uma metodologia na qual o pesquisador se coloca no campo como uma antena de rádio, a captar de forma sensível os elementos que interessam para a sua proposta, interagindo com o grupo, vivendo com ele e influenciando e sendo influenciado” (p.31). Com o tempo de pesquisa, na medida em que o vínculo com o coletivo se tornava mais intenso, passamos a praticar a “Participação Observadora” (p.80), estratégia metodológica desenvolvida por Timo Bartholl (2018) e que nos foi útil para que começássemos a atuar na

articulação e construção das ações da Batalha do Vale, de maneira que os membros do coletivo debatiam a pesquisa e o pesquisador debatia as ações do grupo coletivamente.

Em relação aos trabalhos de campo desta pesquisa, destacamos que foram realizados durante atividades do Coletivo Batalha do Vale, incluindo reuniões de organização, realização de eventos culturais, festas e atividades informais e sem planejamento. O que legitima estas participações como fonte para produção de dados é o registro no diário de campo, com o maior nível de detalhamento possível (WINKIN, 1998).

Para a produção de um registro formal sobre os dados realizamos entrevistas com pessoas escolhidas juntamente com o Coletivo Batalha do Vale, mas que correspondessem aos objetivos da pesquisa. As entrevistas foram filmadas, gravadas e armazenadas em nuvem. O roteiro manteve um caráter aberto e focalizado (BRITTO JUNIOR e FERES JUNIOR, 2011), onde o entrevistado ficou livre para detalhar sua perspectiva dos acontecimentos e nós, o pesquisador e líderes da Batalha do Vale, conduzimos a conversa de acordo com o roteiro elaborado previamente.

Classificamos os jovens em dois níveis de envolvimento com o Coletivo Batalha do Vale: Organizadores e Mcs. Também conversamos com uma jovem que foi aluna e participou de atividades da Batalha do Vale em sua escola, visando captar ações educativas nas atividades do Coletivo que acontecem em ambiente escolar. Para o público das ações culturais da Batalha do Vale aplicamos enquetes online, visto que os eventos promovidos pelo coletivo estudado foram realizados virtualmente. Além disso realizamos a mesma estrutura de entrevista para dialogar com pessoas que participaram da formação da cultura Hip Hop em Presidente Prudente, a fim de contextualizar o coletivo que estudamos na história da cultura. Após serem realizadas, as entrevistas foram transcritas para que fosse feito o tratamento destas através de quadros analíticos. Estes quadros que são organizados por temas que consideramos relevantes nos dão uma visão de totalidade, nos permitindo comparações entre os depoimentos, ampliando nossas possibilidades de análise.

Como proposta de divulgação dos resultados do trabalho e como contribuição ao Coletivo Batalha do Vale, consideramos que o texto de dissertação fornece amparo para futuras pesquisas a respeito de coletivos juvenis e também oferece material para que o Coletivo Batalha do Vale possa legitimar cada vez mais suas ações, produzindo projetos culturais e pedagógicos que possam fomentar ainda mais as atividades do coletivo. Além disso, na proposta inicial propomos o lançamento de um vídeo, em formato de documentário

contendo principalmente a relação entre a Batalha do Vale e a educação da juventude. Este vídeo está sendo produzido juntamente com o coletivo, mas até o presente momento não foi lançado, visto que existe a necessidade de atividades como edição de áudio e vídeo que exigem conhecimento técnico e o envolvimento de pessoas que não estão diretamente ligadas com a pesquisa e com a Batalha do Vale. Outra maneira de ampliar o alcance dos resultados da pesquisa, que acreditamos ser de grande importância, é a produção de fanzines, que são “pequenas revistas produzidas artesanalmente e de tema livre” (FRANCO, 2014, p.39). A partir da confecção dos fanzines é possível circular os resultados da pesquisa, em uma linguagem popular e artística, nos eventos realizados pelo Coletivo Batalha do Vale.

Resultados e Discussão

Para captarmos o que os jovens aprendem ao se envolverem com o movimento Hip Hop, através dos depoimentos dos colaboradores, percebemos que o encontro do jovem com o Hip Hop, que na maioria das vezes é dado através dos elementos artísticos desta cultura, os jovens sujeitos são estimulados ao pensamento, a refletir a respeito da realidade em que estão inseridos. O trecho a seguir foi destacado da entrevista com Brenner e após ser perguntado se algo mudou em sua vida após aderir o Hip Hop ele responde:

Brenner²: *Pra caramba, pra caramba. Eu acho que eu, primeiramente, como negro retinto, né mano, acho que fez eu perceber, primeiramente assim, me fez perceber o meu lugar como civil, tá ligado? O rap me fez sentir um civil, real assim, tipo... o rap me fez sentir, de fato assim, aquele artigo 1º, não tem? que todo mundo tem o direito de ir e vir? Então... o rap me faz me sentir nesse direito aí, tá ligado? Eu acho que depois que eu conheci o rap... eu não me sentia assim, não só de conhecer o rap, mas de entender o Hip Hop em si, acho que quando eu conheci o Hip Hop que eu entendi essa parada do Artigo número 1...que até então eu achava que eu entendia, mas aí tinha aquela parada que nois fica brincando sobre a síndrome do Calton Banks, tá ligado? Porque eu achava que eu era pá, falando: não, mas eu sou preto, não, mas eu sou preto..., mas nessa achando o Roberto Carlos melhor que o Tim Maia, tá ligado?... Nunca mano, nunca vai ser, não por questão pá, mas a gente é condicionado a pensar dessa forma, a gente é condicionado desde cedo a se perguntar: o que que tem de errado com você? Sendo que a única coisa que você tem diferente das outras pessoas, e que o sistema quer que seja demonstrado que seja diferente é que você tem a cor diferente da outra pessoa, mano... e de certa forma você se sente mais pra baixo...e aí o Hip Hop me mostrou mesmo mano, me*

² Os nomes dos colaboradores, para este texto, foram preservados e alterados para nomes fictícios.

Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n. 46, v. 4 - Vol. Esp. da XXIII Semana de Geografia da Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, campus de Pres. Prudente, p. 130-146, agosto/2024.

mostrou a cultura, tá ligado? Uma cultura afrodescendente muito forte falando: “pô mano, você tem o direito de ir e vir também, você é um pretão da hora...”

Percebemos do depoimento de Brenner que ao conhecer a cultura Hip Hop ele tomou conhecimento a respeito de seus direitos e de sua própria liberdade. Com isso fica evidente que a partir da reflexão promovida pelo envolvimento com esta cultura, o jovem passa a ter maior identidade racial e autoestima. Essa reflexão coloca o jovem como um sujeito social, consciente de sua posição no mundo, o mesmo podemos notar nas palavras de Billy:

Billy: *Cara, olha...uma mudança assim, que o Hip Hop causou, o rap em si falando, foi a mudança do pensamento... quando eu comecei a prestar atenção nas letras, principalmente nas letras do Sabotage, Rzo, aquelas músicas lá, tá ligado? Pensava muito naquelas letras, por que as histórias que os cara contava no rap era muito parecida com a nossa história, com história de luta, de sofrimento, que a gente tem que batalhar pra chegar onde quer... e a gente se identificava e queria troca ideia com alguém e não tinha ninguém pra dar um conselho, e quem dava o conselho? O rap mano... as músicas. Sozinho de fone de ouvido, as música que tocava no fone voltando sozinho da pista de skate, colocava um rap e ouvia as mensagens... foi a partir disso que eu acredito que o amadurecimento mental foi evoluindo e eu não parei mais, não parei mais...*

Destacamos que ambos os entrevistados receberam informações a respeito da realidade, que os forçaram a uma reflexão crítica de seus lugares no mundo e essa informação chegou através da arte, da música rap. As letras das músicas conversam sobre a realidade de uma forma lúdica, utilizando de problemas sociais urbanos como inspiração para rimas e o comprometimento com a mensagem a ser passada atinge realmente, como percebemos, quem as escuta.

O que é notável é que esta reflexão na qual os jovens estão se submetendo não foi gerada no ambiente escolar, partindo de atividades de lazer como ouvir música e caminhar pela cidade com fones de ouvido. Outro Mc entrevistado, Tiago, que também é organizador da Batalha do Vale e membro mais atuante do Coletivo, deixa claro em sua fala que a rua, os espaços da cidade em que frequentava em tempo livre, foram os espaços que promoveram maior curiosidade e ambição pelo conhecimento, assim como seu interesse pela leitura:

Tiago: *Mano, esse livro aqui eu ganhei da minha primeira namorada, de aniversário, ela deu de presente pra mim, é autografado aqui ó [Tiago mostra o livro a "Guerra Não Declarada na Visão de um Favelado" de Carlos Eduardo Taddeo]... mas é autografado para o nome do pai dela por que foi no cartão dele que ela comprou pela internet (risos). Não tem o meu nome, mas firmão... já coletei assinatura do Eduardo na palestra dele, tá no meu caderno da faculdade. E o Eduardo tinha acabado de lançar esse livro e eu ganhei ele, lendo me interessei pela faculdade mas já tinha saído da escola. E aí eu queria ser revolucionário, queria fazer a diferença... pretão, queria fazer dinheiro, fazer a diferença, quero conseguir muita fita, mas não quero roubar e nem fazer nada ilegal... e tem uma parada dessa época que eu curtia ficar debatendo, eu colava na pista de skate do São Matheus, e tava eu o Mantega, e uma mão colo uma mina lá com uma ideia de coxinha, e o Mantega punk já lançou as paradas do capitalismo, tá ligado, mano? Falando sobre o universo, o Mantega debatendo e eu entrando nos debates, mas eu não tinha muito embasamento mano, não tinha argumento, eu me baseava tudo nos rap mano, o rap que falou pra mim tipo: Mano, você tem que estudar". Eu comecei a tomar enquadrado e não sabia o que falar pros PMs mano, e queria tomar enquadrado e não ficar chamando ninguém de senhor, com medo... eu queria estudar mano, eu percebi que pra bater de frente com o sistema tinha que estudar, tinha que fazer meu corre, obter conhecimento, ler livro... voltei para o supletivo... as pessoas fazem o supletivo rapidão, eu demorei pra caramba pra fazer meu supletivo, um ano inteiro... fiz meu vestibular... passei em História...*

Com as falas dos jovens sujeitos entrevistados percebemos que o estímulo para buscar o conhecimento e a curiosidade foram acionados através da vivência nas ruas, nos espaços de lazer e culturais. Segundo Paulo Carrano (2001) e Juarez Dayrell (2008), a partir da sociabilidade e da relação que os jovens têm entre si e com a cidade em que vivem, é que possibilita a formação de cidadãos críticos e participativos, o que complementa o processo de educação que é iniciado na escola.

Em nenhum caso nossos entrevistados mostraram ter tido uma trajetória escolar positiva no sentido de estar sempre acompanhando as aulas e os conteúdos ministrados em sala de aula. Por outro lado, na vida extraescolar, fora dos muros, estes mesmos sujeitos vivenciaram situações que os fizeram se aproximar dos estudos, buscando no acesso à universidade, por exemplo, uma alternativa de projeto de melhoria de vida. Já as ações do Coletivo Batalha do Vale demonstraram contribuir neste processo no sentido de continuidade e reforço dos valores apreendidos com o Hip Hop, de aproximar a juventude periférica dos estudos e do conhecimento. Podemos destacar que a experiência coletiva, de

ocupar espaços da cidade para promover o Hip Hop, gerou um empoderamento e autoconfiança nesses jovens para que enfrentassem as barreiras sociais, incluindo as presentes no acesso à universidade, de maneira mais leve e consciente:

Billy: *E também a BDV me mostrou algo assim que eu nunca pensei que eu ia enxergar mano, essa parada de ser bolsista, de depender do transporte público...cara vou falar uma coisa pra vocês aqui, trabalhar e estudar, pegar busão (ônibus) chegar meia noite, uma hora mano. Eu chegava até cedo, chegava meia noite, tem gente que chegava uma hora da manhã em casa... essa realidade não é fácil, e essas ideias são as que a gente trocava na BDV, e eu me deparei com essa situação em diversos momentos. Mas isso não me pegou de surpresa... é aí que tá... quando a gente é pobre, periférico e se depara com um ambiente universitário é um choque, mano. Por que infelizmente a nossa educação não prepara o aluno para todo o processo da universidade... então tem muita gente que chega a desistir. Então até a gente se adaptar, ver que aquilo é real, a gente desiste..., mas assim, eu não desisti mano, por que? Porque eu sou melhor? Porque pra mim foi diferente? Não mano, por que a Batalha do Vale, de alguma forma, meio que preparou, tá ligado? Ela pegou toda aquela ideia que eu tinha, por que as vezes você tem as ideias, mas não sabe como estrutura-las, e eu tinha as ideias...e aí vendo tudo aquilo, participando, vivendo, conhecendo outros Mcs com mais caminhada, outros que passavam a visão, eu fui assimilando... então a BDV me preparou pra esse corre, e eu hoje estou no último período da faculdade. Não foi fácil, foi muito difícil e eu vou exercer a profissão de professor...*

Brenner: *Eu acredito que sim, ajudou e vai ajudar ainda mais...mas como a gente estava falando, não só me deu essa vontade de querer estudar, de querer ter uma formação, de compromisso... eu quero, de fato, terminar a Pedagogia, para conseguir aplicar dentro da Pedagogia, o Hip Hop, e colocar para as crianças, de certa forma, de forma bem pedagógica, para ensinar para as crianças desde pequenas, que elas tem seu direito de ir e vir desde criança, mano. Você sendo preto, sendo mulher, sendo homossexual, sendo diferente, fora do padrão que o sistema quer que você seja... eu acho que o Hip Hop vem muito para querer demonstrar essa diferença, essa diversidade...*

As respostas mostradas surgem após os entrevistados serem perguntados se as ações da Batalha do Vale tinham contribuído para suas vidas. Percebemos que o envolvimento da juventude periférica com a cultura e movimento Hip Hop pode ser tão educativa e inspiradora para os estudos quanto as situações vividas em ambiente escolar, e por vezes,

muito mais. Destacamos que as práticas coletivas dos jovens, em espaços diversos da cidade, através de manifestações políticas, culturais e de lazer, promovem ambientes educativos, na qual a realidade é uma pauta a ser discutida, refletida e plausível de intervenções.

Em nosso projeto de pesquisa as ações do Coletivo Batalha do Vale dentro das escolas eram fundamentais para entendermos a relação do Hip Hop com a escola. Porém, devido aos impedimentos da pandemia da covid-19, a escola se tornou inacessível para o Coletivo BDV, assim como os estudantes e para o pesquisador, o que causou um afastamento da pesquisa do ambiente escolar. Buscamos então dialogar com Mila, estudante da E. E. Pedro Tófano, no bairro Montalvão, onde a Batalha do Vale realizou atividades pedagógicas, a convite desta estudante, em dezembro de 2019, sendo a última atuação do Coletivo em escolas antes da pandemia da covid-19.

Conversando com a estudante percebemos que a escola enquanto uma instituição canaliza esforços para aproximar os conteúdos escolares da realidade dos alunos fora daquele ambiente. Essa aproximação, na maioria das vezes em que acontece, parte do esforço individual de algum professor ou até mesmo dos jovens estudantes, como comenta Mila a respeito da ida da Batalha do Vale até sua escola:

Mila: Foi diferente, porque o pessoal já conhecia um pouco pela internet, alguns iam para o parque do povo e passavam lá e já tinham uma ideia do que era Batalha do Vale, que é um movimento de batalha de rima, isso que eles têm o entendimento, eles sabem que é isso, e alguns já conheciam os Mcs, já tinham uma ideia de quem era... alguns eles não conheciam, que era novo para eles, e eles não conheciam... mas a Batalha do Vale ajudou bastante para eles conhecer o que é o movimento do rap, o que é o Hip Hop. Ajudou muito eles (seus colegas de escola) nessa questão de refletir, porque às vezes eles têm interesse. Eles escutam as músicas, mas não sabem da onde veio, qual a causa, o que não é a causa, quais as referências essas coisas assim eles não sabiam. E a Batalha do Vale levou para escola, para eles entenderem sobre, a onde surgiu os primeiros b-boys, os rappers, o movimento em geral, foi muito importante para eles eu tenho certeza disso.

Os estudantes das escolas em que o Coletivo Batalha do Vale já realizou ações, como percebemos em Salvi (2019), se animam ao verem jovens vestidos como querem (fora dos padrões), falando gírias e usando bonés. Esse contato dos jovens da Batalha do Vale com os jovens "mais novos" se torna um momento de aprendizagem, pois ao verem pessoas próximas a eles, que falam a mesma linguagem, tocarem em assuntos e promoverem debates

a respeito da importância dos estudos e do conhecimento realmente estimula os alunos a se aproximarem e levarem mais a sério os estudos. Sabemos, no entanto, que uma aprendizagem significativa não acontece a curto prazo, porém não podemos deixar de destacar que as investidas dos coletivos de Hip Hop para dentro das escolas são uma conexão do ambiente escolar com os saberes que ocorrem nas ruas, como mostramos aqui. Diversos trabalhos já destacaram o potencial do Hip Hop e seus elementos artísticos em abordar temáticas sociais previstas pelo currículo escolar (JOVINO, 1999; NEVES, 1999). O que tratamos aqui, é mais uma tentativa de ampliar a relação entre a realidade do aluno e os conhecimentos adquiridos em espaços não formais de educação dentro da escola, propondo fazer isso através da cultura Hip Hop.

Conclusões

No transcorrer da pesquisa que apresentamos mantivemos como base a proposta construir uma pesquisa de maneira horizontal e coletiva, a respeito de coletivos juvenis e das juventudes, em especial da Batalha do Vale, compreendendo como as participações dos jovens em coletivos juvenis contribuem para a sua formação política, social e intelectual a partir do compartilhamento de referências culturais e identitárias.

De acordo com as entrevistas de nossos colaboradores que trouxemos ao longo do texto, podemos afirmar que os jovens, ao aderirem às culturas juvenis são estimulados a refletir a respeito de seu contexto social e espacial, acionando processos educativos por meio de experiências em espaços informais e não-formais de educação, como eventos culturais, rodas de conversa e de rimas, pistas de skate, conversas com amigos, entre outras atividades cotidianas, em que o encontro, a sociabilidade, a diversão e as conversas sérias se sobrepõem.

A reflexão estimulada pelo Hip Hop coloca os jovens envolvidos a par das dinâmicas desiguais da sociedade. A partir da chegada de uma nova consciência de si e de sua posição, esses jovens se situam na cidade e passam a agir, movimentar suas vidas como estratégia de luta e de superação, reorientando trajetórias de vida e de cidade. Devido a isso, as trajetórias de vidas de jovens negros e moradores de periferias empobrecidas sofrem profundas mudanças em suas práticas espaciais, sociais e políticas ao se associarem com a cultura Hip Hop.

Evidenciamos ao longo da pesquisa que uma das estratégias apropriadas pelas juventudes periféricas para conquistar a superação da sua condição inicial e se inserir em trajetórias de ascensão social foram os estudos. Analisamos as trajetórias escolares dos nossos colaboradores e destacamos que estes jovens eram “maus alunos” na escola. Ao nos contarem suas vidas os jovens não atribuíram conquistas pessoais e coletivas às experiências “educacionais” que viveram na escola. Porém, hoje em dia, todos os jovens que colaboraram com esta pesquisa acessaram a universidade e são educadores que atuam diretamente nas escolas. Isso se tornou possível devido ao processo de reflexão, de contextualização espacial e social que foi acionado no momento em que nossos colaboradores assimilaram a cultura Hip Hop com suas vidas.

Referências Bibliográficas

BARTHOLL, Timo. **Por uma Geografia em movimento: a ciência como ferramenta de luta**. Rio de Janeiro. Consequência, 2018.

BERNET, Jaume T. Ciudades Educadoras: bases conceptuales. In: ZAINKO, Maria Amélia Sabbag (org). **Cidades Educadoras**. Curitiba: Ed. da UFPR, 1997.

BRITTO JUNIOR, A. F.; FERES JUNIOR, N. A Utilização de Entrevistas em Trabalhos Científicos. **Evidência**, Araxá, v.7, n.7, p. 237-250, 2011.

CARRANO, Paulo César Rodrigues. **Juventudes e cidades educadoras**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2003.

CARRANO, Paulo C. R.. Jovens, territórios e práticas educativas. **Revista Teias**, v.12, nº 26, p. 07-22. Set./Dez. 2011.

CAVALCANTI, Lana de Souza. Os jovens, a escola e suas práticas espaciais: jovens escolares e sua geografia: práticas espaciais e percepções no/do cotidiano da cidade. In: CAVALCANTI, L. S., CHAVEIRO, E. S., PIRES, L. M. (org.) **A cidade e seus jovens**. Goiânia: Editora PUC Goiás. 2015. p. 12-29.

DAYRELL, J. A escola como espaço sócio-cultural. In: DAYRELL, J. (org.) **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: Editora da UFMG. 2001. p. 136-161.

FEIXA, Carles. **De jóvenes, bandas e tribus**. Barcelona: Ariel, 1999.

FRANCO, F. Poletto. **Geografia e Ensino: Elaboração de Fanzines como possibilidade na construção do conhecimento**. 2014. 271f. Tese (Doutorado em Geografia). Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n. 46, v. 4 - Vol. Esp. da XXIII Semana de Geografia da Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, campus de Pres. Prudente, p. 130-146, agosto/2024.

ISSN: 2176-5774

FOOTE-WHYTE, William. Treinando a observação participante. In: GUIMARÃES, Alba Zaluar (org.). **Desvendando máscaras sociais**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975. p. 77-86.

JOVINO, D. S. Ione. “Rapensando” os PCN’S. In: ANDRADE, Elaine (org.) **Rap e educação rap é educação**. São Paulo. Editora: Summus, 1999. p. 161-166.

NEVES, L. A. D. Rap na Sala de Aula. In: ANDRADE, Elaine (org.) **Rap e educação rap é educação**. São Paulo: Editora: Summus, 1999. p. 153-160.

MIRANDA, Jorge Hilton De Assis. Relação De Mercado e Trabalho Social No Hip Hop. **Cadernos do CEAS: Revista crítica de humanidades**, [S.l.], n. 223, p. 32 - 41, jun. 2006. Disponível em: <<https://cadernosdoceas.ucsal.br/index.php/cadernosdoceas/article/view/165>>. Acesso em: 30 jun. 2021.

PIMENTEL, Spency. **O Livro vermelho do Hip Hop**. São Paulo: Escola de Comunicação e Artes – Universidade de São Paulo. 1997. Trabalho de Conclusão de Curso. 1997.

RAPPAPORT, Joanne. Más allá de lá escritura: la epistemología de la etnografía em colaboración. **Revista Colombiana de Antropología**. Vol.43, enero-diciembre, 2007, pp. 197-229. Instituto Colombiano de Antropología e Historia. Bogotá, Colombia.

SALVI, Bruno Fantin. **A cidade e os espaços informais de educação: contribuições da Batalha do Vale para a educação dos jovens de Presidente Prudente**. 2019. 93f.

AUTOR. **PARA ALÉM DA PRAÇA!: a contribuição educativa da Batalha do Vale na educação das juventudes em Presidente Prudente (SP)**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista. Presidente Prudente. p. 215. 2023.

TURRA NETO, Nécio. **Múltiplas trajetórias juvenis em Guarapuava: territórios e redes de sociabilidade**. 2008. 526 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2008.